

PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS DE “JUVENTUDES” NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE NÍVEL MÉDIO NA REDE FEDERAL DE ENSINO

Lídia Maria da Silva Santos ¹
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti ²

RESUMO

O presente trabalho compõe parte de uma dissertação de mestrado, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), na Linha de Práticas Educativas em EPT, cujo objetivo central foi o de elaborar um Produto Educacional, em formato de documentário, que visasse a estabelecer o diálogo entre o ensino de Língua Portuguesa (LP) e a formação humana integral por meio de narrativas de formação. Neste recorte, enfocaremos os dados produzidos a respeito das Juventudes (Dayrell, 2003) em face da colaboração de uma turma de terceira série do Curso Técnico em Eletrônica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Alagoas, que reuniu os participantes de nossa ação investigativa. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, na perspectiva da pesquisa-ação, não obstante o viés colaborativo a partir das reflexões estabelecidas com/na presença de um/uma docente colaborador/a da turma-alvo. A coleta de dados foi realizada por meio de instrumentos como questionários de caracterização e por meio de uma Sequência Didática (Zabala, 2010; Schneuwly e Dolz, 2004), com o fito de possibilitar a produção de Biografias Educativas (Josso, 2014) desses/as jovens estudantes, no fim de seus percursos educativos, no contexto escolar investigado. As narrativas biográficas, em nosso escopo teórico-conceitual e metodológico ocupam lugar de destaque, uma vez que concebemo-las para artefatos linguístico-textual-discursivos para a compreensão dos processos de formação, conhecimentos adquiridos e aprendizagem no currículo escolar com que os/as jovens estudantes tiveram contato. O resultado se materializa na elaboração de um Produto Educacional, na perspectiva do que está preconizado na linha de Práticas Educativas em EPT em nosso Programa, com o intuito de contribuir com a integração do ensino de Língua Portuguesa e a formação para o mundo do trabalho, a considerar uma formação humana integral, com vista à Politecnicidade e a princípios de Omnilateralidade voltados ao mundo do trabalho, na formação de estudantes do ensino médio integrado.

Palavras-chave: Juventudes, Narrativas de Formação, Biografia Educativa, Educação Profissional e Tecnológica, Produto Educacional.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma investigação, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), cujo objetivo central foi estabelecer, por meio da produção de

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo ProfEPT do Instituto Federal de Alagoas - Ifal. Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica da Seduc/AL, profalidiasantos@gmail.com.

² Doutor e Pós-Doutor em Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada e Formação de Professores. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal), Campus Benedito Bentes. Professor EBTB do Campus Maceió, atuando no curso de licenciatura em Letras-Português, ricardo.cavalcanti@ifal.edu.br.



um documentário³, relações entre o currículo, o mundo do trabalho e os projetos de vida dos/as estudantes do Ensino Médio Integrado da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Neste recorte, enfocamos os dados produzidos a respeito das Juventudes (Dayrell, 2003) em face da colaboração de uma turma de terceira série do Curso Técnico em Eletrônica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Alagoas, que reuniu os participantes de nossa ação investigativa.

Para Josso (2014, p. 58), a palavra formação tem caráter polissêmico, visto que o termo pode designar uma atividade em seu processo de desenvolvimento ou pode nomear o resultado desse processo (grifo da autora). A autora acrescenta ainda que é fundamental que se explicita o modo como as atividades educativas mobilizam diferentes dimensões dos sujeitos, visto que esse processo contempla a copresença entre passado, presente e futuro, com vistas à ampliação das capacidades de autonomização, de iniciativa e de criatividade. Nessa perspectiva, a educação pode contribuir para o desenvolvimento de sujeitos com maior autonomia, capazes de agir sobre o mundo e de transformar a realidade.

Diante do cenário apresentado, os pressupostos metodológicos que orientaram a condução da nossa pesquisa, caracterizada por sua natureza qualitativa e abordagem aplicada, apresentam como base os procedimentos da pesquisa-ação (Thiollent, 2011; Ibiapina, 2008; Pimenta, 2005), associados ao arcabouço teórico da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006). A coleta de dados foi realizada por meio de instrumentos como questionários de caracterização e por meio de uma Sequência Didática (Zabala, 2010; Schneuwly e Dolz, 2004). com o fito de possibilitar a produção de Biografias Educativas (Josso, 2014) desses/as jovens estudantes, no fim de seus percursos educativos, no contexto escolar investigado.

As narrativas autobiográficas ocupam lugar de destaque em nosso escopo teórico-conceitual e metodológico, uma vez que concebemo-las para artefatos linguístico-textual-discursivos para a compreensão dos processos de formação, conhecimentos adquiridos e aprendizagem no currículo escolar com que os/as jovens estudantes tiveram contato. O resultado se materializa na elaboração de um Produto Educacional (PE), na perspectiva do que está preconizado na linha de Práticas

³ É importante salientar que o ProfEPT, por pertencer à Área de Ensino e constituir-se como um Mestrado Profissional, visa à integração entre o conhecimento disciplinar e o conhecimento pedagógico, resultando em uma pesquisa translacional, “que busca construir pontes entre conhecimentos acadêmicos gerados em educação e ensino para sua utilização em produtos e processos educativos na sociedade” (Brasil, 2013, p. 01). Dessa maneira, os mestrados dessa área devem produzir, além da Dissertação, um Produto Educacional (PE).



Educativas em EPT em nosso Programa, com o intuito de contribuir com a integração do ensino de Língua Portuguesa e a formação para o mundo do trabalho, a considerar uma formação humana integral, com vista à Politecnia e a princípios de Omnilateralidade voltados ao mundo do trabalho, na formação de estudantes do ensino médio integrado.

METODOLOGIA

A abordagem adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa e aplicada, consoante os procedimentos da pesquisa-ação, a qual, segundo Thiollent (2011, p. 14), é uma pesquisa social que apresenta uma estreita associação com ação ao enfatizar a adoção de um papel ativo por parte do pesquisador, com o intuito de propor encaminhamentos para uma situação-problema na qual os participantes estão envolvidos, acrescida da colaboração ativa com os participantes do estudo. Segundo Ibiapina (2008), a pesquisa-ação pode apresentar diferentes enfoques: técnico, prático e emancipatório. Neste último enfoque, a pesquisa-ação colaborativa é “um tipo de investigação que apresenta duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação contínua de professores”, resultando, desse modo, em um movimento dialético entre teoria e prática (Ibiapina, 2008, p.7).

Aproximando essa discussão da investigação realizada, enfatizamos a construção coletiva de sentidos junto aos participantes de uma pesquisa-ação colaborativa, visto que é importante que se realizem pesquisas com os/as profissionais e estudantes da escola e não sobre eles/as (Pimenta, 2005, p. 521, grifo da autora). Nesse sentido, Pimenta (2005) propõe a adição do adjetivo “crítica” à pesquisa-ação colaborativa, ao considerar que “a realização de pesquisa em escola investe na formação de qualidade de seus docentes, com vistas a possibilitar a transformação de práticas institucionais” (Pimenta, 2005, p. 523). Desse modo, esta pesquisa está alinhada aos pressupostos teorizados por Ibiapina (2008) e Pimenta (2005), pelo contexto em que foi realizada, pela natureza de seus participantes, bem como pelo enfoque de seus objetivos.

A pesquisa teve como *locus* o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, o Ifal-Maceió, localizado no centro de Maceió/AL. Os participantes foram vinte e cinco discentes de uma turma da terceira série do Curso de Eletrônica Integrado ao Ensino Médio do Ifal-Campus Maceió; uma docente de Língua Portuguesa (LP) do Ifal-Maceió, professora regente da turma, na condição de docente-colaboradora; além de cinco docentes de LP do Ifal-Maceió, que participaram



da etapa de avaliação do PE resultante da pesquisa. As atividades desenvolvidas para as terceiras séries do ensino médio, a partir da pesquisa, foram planejadas em diálogo com os conteúdos que compõem o currículo do referido ano de ensino e foram conduzidas pela pesquisadora, com a participação da docente colaboradora (regente da turma), no horário destinado às aulas de LP. Posteriormente, foram convidados/as professores/as que ministram aulas do componente para as terceiras séries do EMI no Ifal-Maceió para a avaliação do PE produzido, além dos/as estudantes e do docente colaborador.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – Ifal), no dia 23 de maio de 2024, por meio do parecer no 6.843.115, CAAE no 76708423.9.0000.0195. No entanto, em função da suspensão das atividades devido à greve dos servidores da Rede Federal de Ensino, a ida a campo foi possível apenas no dia 11 de setembro de 2024. A partir desta data, foi possível o início das observações, aplicação dos questionários de caracterização e a realização da sequência didática, instrumentos por meio dos quais os dados foram gerados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra "juventude" é comumente usada de forma singular, associando-a a uma fase da vida homogênea e universal. No entanto, ao nos referirmos a esse conceito, é importante reconhecer que as juventudes não são um grupo homogêneo, mas sim compostas por diferentes sujeitos, com realidades, contextos e experiências distintas. Nesse contexto, em consonância com Dayrell (2003, p. 24), utilizaremos o termo no plural para ressaltar a heterogeneidade dos modos de ser jovem, reconhecendo as múltiplas formas de vivenciar essa fase da vida.

A Lei Nº 12.852/2013, também conhecida como Estatuto da Juventude, considera jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos. Essa definição é baseada em uma perspectiva multidimensional, que compreende as dimensões biológica, psicológica, social e cultural dos sujeitos. Além disso, o Estatuto da Juventude estabelece uma série de direitos e garantias para os/as jovens, incluindo o direito à educação, à saúde, ao trabalho, à cultura, à participação política e à convivência familiar e comunitária, visando à promoção do desenvolvimento integral dos/as jovens e à garantia de oportunizar seu pleno potencial.

Dayrell (2003) define as juventudes como um grupo social heterogêneo, com diversas experiências e realidades, visto que os/as jovens se formam a partir das



condições sociais, culturais, de gênero, regionais e históricas de uma determinada sociedade. Logo, ao compreender a juventude como uma categoria social, é possível analisar as desigualdades e as discriminações que atravessam esse grupo, viabilizando o desenvolvimento de políticas públicas que promovam a inclusão social e o bem-estar juvenil. Na perspectiva do autor (Dayrell, 2003, p. 24), o termo deve ser utilizado no plural, juventudeS, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. O autor concebe os/as jovens como sujeito social, uma vez que possuem determinada origem familiar, cuja família ocupa determinado lugar social e se encontra inserida em relações sociais; é um ser singular, que tem uma história; é ativo em suas interações com os outros e com o meio em que vive.

A proposta de mediação realizada durante a pesquisa de campo teve como pressupostos teóricos as concepções de letramento (Kleiman, 2005) e multiletramentos (Rojo, 2012), e em diálogo com os estudos da linguagem, do ensino de línguas e de Língua Portuguesa como Língua Materna (Bakhtin, 2003; Marcuschi, 2010; Geraldi, 1997, 2012; Schneuwly e Dolz, 2010). Essas escolhas teóricas sustentaram a construção e a aplicação de uma sequência didática, com centralidade leitura, produção e circulação de textos como ponto de partida e chegada do processo de ensino-aprendizagem,

E isto não é apenas por inspiração ideológica de devolução do direito à palavra às classes desprivilegiadas, para delas ouvirmos a história, contida e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos escolares. Sobretudo é porque no texto que a língua-objeto de estudos- se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete à uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões (Geraldi, 1997, p. 135).

Em função dessas escolhas, esse estudo se alinha à concepção dialógica da linguagem, na qual “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (Bakhtin/Volochínov, 2006, p. 115). Dessa maneira, para além da transmissão de informações e da transmissão de pensamento, a linguagem é o lugar de interação humana, por meio da qual “o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistem à fala” (Geraldi, 2012, p. 41). A referida perspectiva pressupõe a ressignificação do papel docente, que transcende a figura do único enunciador e detentor do saber, reconhecendo o estudante como agente ativo, detentor de conhecimentos prévios e participe de um processo em que, "ao ser educado, também educa" (Freire, 2022 [1974], p. 96).



Nesse sentido, a sequência didática desenvolvida por meio desta pesquisa teve o intuito de promover a construção de espaços dialógicos em sala de aula, materializados pela produção de textos de caráter autobiográfico, mais especificamente, Autobiografias Educativas, na perspectiva das Biografias Educativas discutida por Josso (2014). Esse gênero pode viabilizar aos/às participantes conhecer a trajetória do/a outro/a, refletir sobre sua própria trajetória de forma crítica, além de vislumbrar possibilidades de futuro. De acordo com Josso (2007), as narrativas biográficas contribuem para a compreensão dos processos de formação, conhecimento e aprendizado. Segundo a autora,

as situações educativas são, desse ponto de vista, um lugar e um tempo em que o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser tratado em diferentes registros, a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumento da capacidade de intervenção pertinente na própria existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento (Josso, 2007, p.416).

Em algumas abordagens as narrativas são trabalhadas com determinada intencionalidade, a exemplo das “recordações-referências”, teorizadas por Josso (2004, p. 40), com a finalidade de desvelar elementos da formação dos participantes, a fim de ampliar e desvendar os sentidos para o narrador. A autora acrescenta a essa discussão a perspectiva da Biografia Educativa, que é “fruto de um processo de reflexão que só parcialmente aparece numa narrativa escrita a meio caminho do percurso seguido” (Josso, 2014, p. 60). Por esse motivo, essa produção é centrada na formação e nas aprendizagens de seu autor, mais centrada na reflexão e menos na narrativa propriamente dita.

Segundo a autora, a Biografia Educativa (Josso, 2014, p. 61) se organiza em três etapas. A primeira consiste em uma produção escrita, direcionada a partir do questionamento “Onde me encontro hoje?”, com o intuito de identificar como se situa o sujeito da aprendizagem em curso. A segunda etapa se dá por meio da narrativa oral, com o objetivo de mobilização das recordações, seleção e ordenação. Por fim, a terceira etapa tem a finalidade de viabilizar a reflexão sobre o processo de formação e conhecimento, possibilitando a compreensão a partir do que foi narrado, do que foi estruturante e mobilizador para o sujeito.

Justificamos o trabalho com Biografias Educativas, método associado a pesquisas com professores ou adultos que retornam aos estudos nos mais diferentes níveis, no ensino médio integrado com o intuito de investigar as percepções desses jovens e futuros profissionais (técnicos) sobre suas expectativas e desafios. Nesse



contexto, a educação pode se tornar um espaço de reflexão sobre o projeto de vida dos jovens e pode ser o ponto de partida para a construção de um futuro profissional que faça sentido para cada um.

Enfatizamos ainda que, embora Josso (2014) empregue a denominação Biografia Educativa para referir-se a narrativas de formação de cunho autobiográfico cuja produção é conduzida por pesquisadores, optamos, no presente estudo, pela terminologia Autobiografia Educativa devido ao caráter intrinsecamente autobiográfico dos textos produzidos pelos participantes no contexto desta pesquisa. Além disso, a opção por "Autobiografia Educativa" visa a mitigar potenciais ambiguidades em sala de aula concernentes à classificação do gênero discursivo em questão, alinhando a denominação do gênero à autoria da narrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura minuciosa dos textos, identificamos os fatores que mais influenciaram e motivaram as escolhas e decisões desses jovens, buscando compreender os elementos estruturantes e mobilizadores presentes em suas narrativas. Para esta análise, selecionamos as produções finais de 12 estudantes (48% do total da turma) que completaram todas as etapas da sequência didática, entregando ambas as versões de suas narrativas.

Inicialmente, foi realizada uma leitura exploratória de todo o material para a necessária familiarização com o conteúdo e identificação dos temas emergentes. Buscamos compreender como esses elementos se relacionam entre si e como contribuem para a construção das identidades e projetos de vida dos/as estudantes. É importante lembrar que a produção das autobiografias ocorreu ao longo da sequência didática. Por essa razão, consideramos também a forma como as condições de produção apareceram nos textos dos/as participantes, direcionando, em alguns momentos, suas escolhas discursivas.

As Autobiografias Educativas dos/as estudantes participantes da pesquisa apresentam, de modo geral, seu percurso formativo desde seu ingresso no Ifal - Campus Maceió (e muitas vezes, desde o processo de preparação, semanas ou meses antes do exame de seleção) até o momento em que produziram suas narrativas. Essa escolha discursiva ocorre, muito provavelmente, em função da questão motivadora da produção: “Onde eu me encontro hoje, no curso?”, levantada com o intuito de colocar os/as estudantes diante das suas responsabilidades em seu percurso formativo (Josso, 2014, p.



63). A partir da questão motivadora e do percurso didático seguido, emergiram seis categorias de análise, dentre as quais, neste trabalho, escolhemos uma para análise: os desafios da transição escolar entre ensino fundamental e ensino médio integrado à formação profissional e tecnológica.

Os desafios mais evidenciados pelos/as estudantes participantes deste estudo foram aqueles relacionados ao currículo escolar; à mudança na rotina, com ênfase no deslocamento dos/as estudantes de casa até o Instituto; e à adaptação ao curso e ao ensino público. Discutiremos a seguir cada um desses desafios, de acordo com os dados expostos no Quadro 1 a seguir, em diálogo com outros recortes das Autobiografias Educativas, diários e notas de campo, além de outros documentos que apresentam confirmações e contraposições aos posicionamentos enunciados pelos/as estudantes em suas Autobiografias Educativas.

Os dados que compõem esta categoria apresentam uma pluralidade de perspectivas e demonstram a necessidade de compreendermos os/as estudantes, como sujeitos historicamente situados, considerando que, consoante Bakhtin/Volochínov (2006, p. 117), “a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social”. Dessa maneira, os discursos enunciados pelos/as alunos/as revelam as influências dos territórios sociais dos quais eles/as fazem parte e, conseqüentemente, as problemáticas subjacentes a esses territórios, resultando nos desafios vivenciados cotidianamente. No Quadro 1, a seguir, organizamos os desafios expostos pelos/as estudantes em suas Autobiografias Educativas.

Quadro 1 - Desafios da Transição Escolar

ESTUDANTE PARTICIPANTE	FRAGMENTO DA AUTOBIOGRAFIA EDUCATIVA
CURRÍCULO ESCOLAR	
Jotav	“Como o ensino é muito mais avançado que o do meu antigo colégio, precisei me dedicar aos estudos de verdade e prestar atenção nas aulas teóricas e práticas.”
DESLOCAMENTO/ MUDANÇA NA ROTINA	
Reynard	“Mudar para uma escola distante e sair de um lugar em que eu já estava devidamente adaptado foi um desafio significativo na época. A adaptação não foi imediata, e enfrentei momentos difíceis”.
Jujubinha	“[...] a dificuldade imensa que foi me adaptar ao costume de ir e voltar de ônibus, e passar cerca de 2h muitas vezes para poder chegar em casa.”
Blair	“[...]foi muito difícil e ainda continua sendo, ter que acordar cedo, pegar ônibus cheio, voltar para casa tarde e quase não ter tempo de fazer coisas pessoais é bem desgastante.”



Helena	“Meus familiares também tiveram uma participação significativa nessa caminhada, sempre me motivando e me auxiliando no que era preciso para me adaptar à nova rotina. Não apenas a minha rotina mudou, mas a deles também, porém, com o apoio uns dos outros, conseguimos nos adaptar.
ADAPTAÇÃO AO CURSO/ INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
Vic	“O curso de Eletrônica não foi minha primeira opção. Demorei um pouco para me adaptar, mas acabei me acostumando”
Jujubinha	Com certeza, uma delas [dificuldades] foi ter que me acostumar com o ensino público, entender que naquela nova etapa eu precisaria de muita responsabilidade, principalmente por não ter mais um acompanhamento exclusivo que havia no ensino privado.

O estudante Jotav evidencia como um desses desafios a necessidade de adaptação ao novo ambiente de aprendizagem, tendo em vista que, segundo ele, a passagem para essa modalidade de ensino exigiu uma adaptação significativa à nova forma de aprender, com maior autonomia e responsabilidade. De acordo com a Autobiografia Educativa do estudante, foi necessária uma maior dedicação ao seu processo de aprendizagem, ao constatar que a grade curricular do Ifal era composta não apenas dos componentes propedêuticos, mas também de componentes específicos de sua futura área de atuação profissional, exigindo maior atenção às aulas.

Outro desafio presente nas narrativas dos/as estudantes foi a mudança de escola, situação que pode ser muito desafiadora, especialmente para aqueles/as que já estavam bem entrosados em suas escolas anteriores. Esse foi o caso de Reynard. O estudante destaca as dificuldades de adaptação social, visto que a transição para uma nova escola exigiu um esforço para lidar com a necessidade de fazer novos amigos e se ajustar às dinâmicas de um novo grupo, além da nova dinâmica de organização diária em função do deslocamento para o Instituto.

O relato de Reynard se soma aos de Blair e Jujubinha que também apresentaram em suas Autobiografias Educativas o deslocamento para o Instituto como um fator de desgaste, uma jornada longa e cansativa, conforme os dados dispostos no Quadro 1 anteriormente apresentado. Já a Autobiografia Educativa da aluna Helena amplia o debate sobre a mudança na rotina também para outros atores. A estudante evidencia que o início da vida educativa no Ifal-Maceió resultou também na mudança da rotina familiar como um todo, evidenciando a necessidade do apoio mútuo nesse processo, uma vez que os integrantes de sua família também contribuíram para a sua adaptação à Instituição.



A autobiografia da estudante Vic revela uma outra face da adaptação escolar, em consequência de ter sido aprovada para a sua segunda opção de curso: “O curso de Eletrônica não foi minha primeira opção. Demorei um pouco para me adaptar, mas acabei me acostumando”, narrou a estudante em sua Autobiografia Educativa. A falta de informação sobre os cursos e as exigências da profissão é um fator que pode contribuir significativamente para a escolha inadequada da carreira profissional, o que, como consequência, pode levar a dificuldades de adaptação. De acordo com o Plano Estratégico Institucional de Permanência e Êxito para os Estudantes do IFAL - PEIPEE (2016, p. 32), essa é uma das principais causas da evasão apontadas por estudantes dos cursos presenciais de educação básica e superior.

A adaptação ao ensino público também apareceu como um dos desafios vivenciados pelos/as participantes da pesquisa, em especial para os/as estudantes provenientes de escolas particulares. Dentre as Autobiografias Educativas integrantes do *corpus* analisado, o texto da estudante Jujubinha apresenta maiores detalhes sobre as dificuldades enfrentadas, tais como a necessidade de maior responsabilidade e a ausência de um acompanhamento exclusivo. Outros/as estudantes da turma compartilharam do mesmo ponto de vista durante a pesquisa de campo, no momento em que eles/as tiveram a oportunidade de relatar oralmente as vivências ao longo do ensino médio no Instituto. Destacamos, no entanto, que é fundamental que as escolas estejam preparadas para acolher e atender às necessidades de todos/as os/as alunos/as, no que diz respeito à estrutura, ao currículo, além das políticas de permanência e êxito.

CONSIDERAÇÕES (que não se entendam como) FINAIS

O panorama apresentado acerca das juventudes e a importância da escola para a vivência da juventude por adolescentes e jovens levam-nos a evidenciar a imprescindível escuta e envolvimento dos jovens nas ações públicas que lhes dizem respeito; a importante relação da escola com outras instituições igualmente importantes nos processos de transição dos jovens para a vida adulta; a necessária efetivação de ações que reconheçam os jovens nas suas especificidades, tais como a oferta de bolsas de estudos, projetos de formação técnico-profissionais, oportunidades de cumprir estágios. Dessa maneira, os jovens podem ser compreendidos como seres sociais, que necessitam do desenvolvimento de políticas públicas que promovam inclusão social e bem-estar.



Dessa maneira, o trabalho com a Autobiografia Educativa possibilitou não apenas a promoção de situações verdadeiras de leitura, produção e circulação de textos, como também o acesso a uma melhor compreensão aos/às participantes sobre as transformações por eles/as vivenciadas, além de revelar mecanismos cognitivos e emocionais envolvidos no processo de aprendizagem. Esse processo pode permitir não somente aos participantes da pesquisa, mas também ao Instituto, aos docentes e aos pesquisadores da área a abertura de verdadeiras janelas de acesso (Josso, 2014), uma vez que permite a identificação de alguns elementos estruturantes e mobilizadores na vida e na formação dos/as estudantes da educação da Rede Federal de Educação Básica, podendo subsidiar futuras atualizações da matriz curricular, dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, das atividades complementares e das políticas de permanência e êxito.

Por fim, a elaboração e a validação do Produto Educacional (PE)⁴ Documentário “Vida e Formação”⁵ transcende exigência do mestrado profissional, além de atender à carência de materiais didáticos cujo enfoque se direcione às narrativas de formação de estudantes pré-egressos do EMI, promovendo, assim, uma educação socialmente engajada e transformadora, uma vez que se presta a contribuir com a integração do ensino de LP e a formação para o mundo do trabalho, a trazer um debate qualificado com vistas à formação humana integral dos/as estudantes inseridos/as em contextos de formação profissional de nível médio, a considerar o currículo que lhes é oferecido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). A interação verbal. In: Marxismo e Filosofia da Linguagem. Trad. Michel Lahudn e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 112-130.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019a.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista brasileira de educação, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024.

⁴ O PE é um objeto de aprendizagem, produto ou processo educativo, fruto de uma pesquisa e aplicado em situações reais, em espaços formais ou não-formais de ensino (Brasil, 2019, p. 15). Embora o PE possa apresentar diferentes formatos e suportes (uma sequência didática, um aplicativo, um jogo, um vídeo entre outros), a sua produção tem como princípio a resolução ou o encaminhamento de uma pergunta ou problema relativo ao campo educacional, enquanto a dissertação/tese deve refletir sobre o processo de sua elaboração e aplicação, a partir do referencial teórico metodológico escolhido.

⁵ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1000378>



FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido [1974]. 82. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GERALDI, Wanderley. Portos de Passagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, Wanderley. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Pesquisa Colaborativa: Investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro, 2008, 134p.

JOSSO, Marie Christine. Experiências de vida e formação. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84806302.pdf> Acesso em: 10 jun. 2025.

JOSSO, Marie Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Natal: EDUFN, 2014. p. 57-76.

KLEIMAN, Angela. Preciso “ensinar” o letramento. Não basta ensinar a ler e a escrever. v. 1. Campinas: UNICAMP/MEC, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva et al. Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola, 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. Parábola, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítica-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set/dez, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9HMYtvM7bpRtzLv6XyvwBxw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 5 jul. 2025.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; Moura, Eduardo. Multiletramentos na escola. Parábola Ed., 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar [1998]. Porto Alegre: Penso Editora, 2010.

